

UMA LEITURA DA *REVISTA DE ANTROPOFAGIA*: O ESPECTRO DA REVOLUÇÃO BOLCHEVIQUE?

JOÃO MARQUES LOPES*

RESUMO: Provavelmente, as leituras mais comuns da *Revista de Antropofagia* são aquelas que afirmam que a mesma empurrou a revolução modernista brasileira até aos limites da vanguarda estética ou foi uma utopia ideológica no cruzamento entre uma teoria do Brasil e da sua inserção no sistema-mundo. Além disso, a *Revista de Antropofagia* raramente tem sido seriamente percebida como um fenómeno político e classista. Assim sendo, não surpreende que a influência (in)consciente que o marco histórico da Revolução Bolchevique exerceu sobre o a *Revista de Antropofagia* e o grupo dos “antrópofagos” tenha sido pouco aprofundada pela *scholarship*.

Este artigo pretende fazer uma *close reading* das duas dentições da *Revista de Antropofagia* à luz desta temática. Sustenta que esta revista e os “antrópofagos” mantiveram uma relação (in)consciente de ignorância, medo e atração face à Revolução Bolchevique, mas que Oswald de Andrade, Pagú, Geraldo Ferraz e Oswald Costa, ao criarem o jornal *O Homem do Povo* ou ao se alistarem no PCB, vieram a adquirir a “consciência possível” diante de tão complicado fenómeno histórico. Talvez esta “consciência possível” e *O Homem do Povo* possam ser entendidas como uma espécie de “terceira dentição” da *Revista de Antropofagia*.

PALAVRAS-CHAVE: *Revista de Antropofagia*; Revolução Bolchevique; marxismo; inconsciente; “consciência possível”; Oswald de Andrade.

ABSTRACT: Probably, the most common readings of the *Revista de Antropofagia* are those that states it has pushed the Brazilian modernist revolution to vanguard limits or that it has been a sort of ideological

* Doutorado pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pela Universidade de Utrecht. Pós-doutorado em Literatura Brasileira pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras de Lisboa (CLEPUL).

utopia at the crossroads of a theory of Brazil and its place in the world-system. In addition, the *Revista de Antropofagia* has been seldom realized as a political and class-based phenomenon. That being so, it seems quite understandable that the *Revista de Antropofagia* has not been interpreted as a spectral and dialectical move against and towards the Marxism and the Bolshevik Revolution.

This article intends to perform a close reading of the *Revista de Antropofagia* in the framework of the attitude of the “antrópofagos” regarding the historical landmark of Bolshevik Revolution. The article sustains that there has been an “(un)conscious” ignorance, fear and attraction that came to an end with the “possible conscience” of some “antrópofagos”, such as Oswald de Andrade, Pagú, Geraldo Ferraz or Oswald Costa, in the periodical *O Homem do Povo* and in their enlistment in the Brazilian Communist Party. Probably, it was a sort of “third dentition” of the *Revista de Antropofagia*.

KEY-WORDS: *Revista de Antropofagia*; Bolshevik Revolution; marxism; unconscious; “possible conscience” ; Oswald de Andrade.

1. Introdução

Provavelmente, Augusto de Campos (1975) e Maria Eugenia Boaventura (1985) são os autores que mais se concentraram na leitura e análise da *Revista de Antropofagia* como um todo. O primeiro abordou-a enquanto fenômeno literário e utopia ideológica. A segunda interpretou-a enquanto mescla de literatura e técnicas estéticas.

Com algumas exceções, como Jackson (1978), a maioria dos estudiosos concentra-se principalmente em Oswald de Andrade, no “Manifesto Antropófago” ou na “antropofagia”. Assim sendo, tendem a descartar a leitura da *Revista de Antropofagia* como um todo.

Esta é a primeira das questões que pretendemos enfrentar. Não terão os estudiosos parado na abordagem da “primeira dentição” da revista?

Provavelmente, as leituras mais comuns da *Revista de Antropofagia* (ou da trilogia Oswald de Andrade, “Manifesto Antropofágico” e “antropofagia”) são aquelas que afirmam

que a mesma empurrou a revolução modernista brasileira até aos limites da vanguarda estética ou foi uma utopia ideológica no cruzamento entre uma teoria do Brasil e da sua inserção no sistema-mundo.

Nos estudos mais antigos de Augusto de Campos (1975) e Maria Eugenia Boaventura (1985), ou nos mais recentes de Lima (2012), Queiroz (2010), Madureira (2005) e Oliveira (1999), são sempre a literatura, a ideologia cultural, a estética de vanguarda, a identidade nacional e a brasilidade no sistema-mundo que estão em jogo.

Ao contrário do que acontece com os modernistas e com o modernismo dos anos 20, a *Revista de Antropofagia* (ou a trilogia Oswald de Andrade, “Manifesto Antropófago” e “antropofagia”) raramente tem sido seriamente percebida como um fenómeno político e classista. Schwarz (1987a, 1987b) é o intérprete mais importante a sustentar uma tal abordagem. No entanto, não pretende realizar uma leitura da *Revista de Antropofagia* e subsume-a na sua argumentação geral sobre a poesia e a teoria nacional de Oswald de Andrade.

Além disso, parece que a *Revista de Antropofagia* não tem sido interpretada como um movimento espectral e dialético contra e a favor da Revolução Bolchevique e do marxismo. Obviamente, este movimento teve os seus limites políticos e classistas nas experiências sociais e históricas dos “antropófagos” brasileiros até Setembro de 1929, quando a revista chegou ao fim. O colapso bolsista de Wall Street, a Revolução de Outubro de 1930 e a radicalização da luta entre a democracia, fascismo e comunismo ainda estavam à frente.

Esta é a segunda das questões que visamos abordar. Não terão os estudiosos parado na abordagem da “segunda dentição” da revista?

No entanto, o próprio Oswald de Andrade e outros “antropófagos” como Pagú, Geraldo Ferraz ou Oswaldo Costa abriram o caminho para avançar além da própria *Revista de Antropofagia*.

Será que o periódico *O Homem do Povo*, em 1931, o prefácio de Oswald de Andrade a *Serafim Ponte Grande*, em 1933, e o seu

engajamento no PCB significam uma “terceira dentição”?

Esta é a terceira e última questão que queremos abordar no contexto de um movimento que vai da leitura atenta da *Revista de Antropofagia* às experiências sociais e históricas que se situam antes, durante e depois da sua publicação.

Tais questões prendem-se com a influência (in)consciente que o marco histórico da Revolução Bolchevique exerceu sobre o grupo dos “antropófagos” e que a *scholarship* respeitante à *Revista de Antropofagia* tem descurado. Embora boa parte dos “antrópofagos” viesse das redes de sociabilidade das elites económicas e políticas (Oswald de Andrade e Tarsila de Amaral eram inclusive membros da alta classe agrária e cafeeira de São Paulo), a contradição arte/dinheiro e a oposição dominantes/dominados no campo literário faziam com que os “antropófagos” tivessem alguns atritos com o poder simbólico e real.

Segundo Hobsbawm:

Durante grande parte do Breve Século 20, o comunismo soviético proclamou-se um sistema alternativo e superior ao capitalismo, e destinado pela história a triunfar sobre ele. E durante grande parte desse período, até mesmo muitos daqueles que rejeitavam suas pretensões de superioridade estavam longe de convencidos de que ele não pudesse triunfar. [...] a política internacional de todo o Breve Século 20 após a Revolução de Outubro pode ser mais bem entendida como uma luta secular de forças da velha ordem contra a revolução social, tida como encarnada nos destinos da União Soviética e do comunismo internacional [...]. (HOBSBAWM, 1995, 61)

Na década de 1920, a opinião do “senso comum” e da intelectualidade avançada, um pouco por todo o mundo, já ia no mesmo sentido. Em rigor, assim que rebentaram a Revolução de Fevereiro contra o czarismo e a Revolução Bolchevique de Outubro contra o domínio político-económico da burguesia, houve logo literatos brasileiros que entenderam o alcance histórico e universal dos acontecimentos.

Neste contexto, Astrojildo Pereira percebeu logo em Julho de 1917 o carácter geo-político do confronto entre o Governo Provisório e os sovietes:

A Duma vinda do antigo regime, pode dizer-se representa, em maioria, a burguesia moderada e democrática, ao passo que o Comitê de Operários e Soldados, composto de operários, representa o proletariado avançado, democrata, socialista e anarquista. A Duma deu o governo provisório e o primeiro ministério; o Comitê de Operários e Soldados derrubou o primeiro ministério, influiu poderosamente na formação do segundo e tem anulado quase por completo, senão de todo, a ação da Duma [...] A qual das duas forças está destinada a preponderância na reorganização da vida russa? O que se pode afirmar com certeza é que essa preponderância tem cabido, até agora, ao proletariado. E como o proletariado, cuja capacidade política já anulou o papel da Duma burguesa, está também com as armas na mão, não encontrando, pois, resistência séria aos seus desígnios, não muito longe da certeza andarà que prever a sua contínua preponderância, até completa absorção de todos os ramos da vida nacional, extinguindo-se, de tal modo, num prazo mais ou menos largo, a divisão do povo russo em castas diversas e inimigas. E inútil é insistir na influência que tais acontecimentos exercerão no resto do mundo, na obra de reconstrução dos povos, cujos alicerces estão sendo abalados pelo fragor inaudito dos grandes canhões destruidores". (PEREIRA, 1917, s. p.)

Lima Barreto, em artigo publicado em Maio de 1918, celebrava a Revolução Bolchevique entretanto consumada para mudar a face do planeta:

Se Kant, conforme a legenda, no mesmo dia em que a Bastilha, em Paris, foi tomada; se Kant, nesse dia, com estuporado assombro de toda a cidade de Königsberg, mudou o itinerário da excursão que, há muitos anos, fazia todas as manhãs, sempre e religiosamente pelo mesmo caminho – a comoção social maximalista tê-lo-ia hoje provocado a fazer o mesmo desvio imprevisto e surpreendente; e também a Goethe dizer, como quando, em Valmy viu os soldados da Revolução, mal ajambrados e armados, de tamancos muitos, descalços alguns, destroçarem os brilhantes regimentos prussianos – dizer, diante disto, como disse: "A face do mundo mudou". Ave Rússia! (BARRETO, 1918, p. 13).

E que dizer sobre tal influência em relação à *Revista de Antropofagia* e aos antropófagos, passada que era mais de uma década sobre este acontecimento que mudou a face do mundo? Tal é o objeto do presente artigo.

2. A “primeira dentição”

De um lado, a industrialização rápida de São Paulo, a proletarianização em curso, as crescentes lutas de classes, a fundação do PCB e a atração internacional da revolução bolchevique. De outro lado, o status periférico do Brasil, as contradições entre a oligarquia agrária e a burguesia industrial ou comercial, os desafetos de classe média expressando-se violentamente no “tenentismo”, a fundação do Partido Democrático e a ascensão do fascismo europeu com Mussolini¹.

Apesar destes eventos que foram moldando a década de 1920, o modernismo brasileiro e a *Revista de Antropofagia*, pelo menos na sua primeira dentição, mantiveram-se confinados aos reinos da estética e da identidade nacional. Pode-se argumentar e tem-se argumentado que estes confinamentos tinham por si mesmos uma base classista e política, como Schwarz e outros têm sustentado. No entanto, esta não é a questão que nos preocupa por ora.

Por enquanto, basta esboçar uma abordagem taquigráfica à evolução do modernismo brasileiro e, assim, localizar a primeira dentição da *Revista de Antropofagia*.

Desde o seu início na “Semana de Arte Moderna” (13-17 de fevereiro 1922) —ou mesmo desde antes com alguns poemas, textos e artigos de Mário de Andrade, Oswald de Andrade ou Menotti del Picchia— até o final de 1923, o modernismo brasileiro esteve mais comprometido com importações literárias de Paris e de outros centros europeus do que com a brasilidade e a diferenciação nacional.

Em 1924, houve algumas mudanças. Oswald de Andrade publica o seu “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, e as cartas particulares e atividades de Mário de Andrade dão mais ênfase à identidade e diferenciação nacional. Em 1925, Oswald de Andrade

1 Para estas temáticas, cf., p. ex, Astrojildo Pereira, *Ensaio histórico e políticos*, São Paulo, Alfa-Omega, 1979.

publica o livro de poesia *Pau-Brasil*, subvertendo simbolicamente a relação entre a periferia e do centro.

Desde então até 1928, o modernismo literário brasileiro seguiu várias rotas. Uma tinha a ver com as conquistas anteriores feitas por vanguardas europeias, completando assim a destruição simultânea do parnasianismo dominante e do simbolismo dominado no campo literário brasileiro. Outra foi a busca pela brasilidade, preparando-se, assim, a independência cultural absoluta de Portugal e de alguma forma da França. Finalmente, uma terceira rota pensou o futuro lugar central do Brasil no sistema simbólico mundial, completando assim a exportação da poesia “Pau-Brasil”.

Até mesmo os títulos de revistas literárias refletiram essa mudança de padrão. Em 1922, a primeira revista literária brasileira teve o título cosmopolita de *Klaxon*. Em 1925, ainda se hesita com títulos como *Estética* ou *A Revista*. De 1926 para a frente, as revistas já têm nomes como *Terra Roxa e Outras terras* ou *Arco e Flecha*. Em 1928, surgiu a *Revista de Antropofagia*.

É possível ver o mesmo padrão evolutivo na sua “primeira denteção”. Exceto alguns textos ideológicos sofisticados, como, por exemplo, “Manifesto Antropófago” e “Schema Ao Tristão de Athaíde” de Oswald de Andrade, a “primeira denteção” acaba por ser, essencialmente, uma consolidação das inovações formais estéticas anteriores e uma miscelânea confusa dominada pela busca da identidade nacional. Na verdade, mesmo os textos de Oswald de Andrade agora citados poderiam ser confinados à mistura anterior, se não tivessem sublimado a brasilidade para o eixo do sistema-mundo simbólico e quase empurrado a ideologia até às margens da política programática revolucionária.

Assim, a “primeira denteção”, como um todo, terá sido, na sua maior parte, estética, nacionalismo abstrato, ecletismo e uma ideologia laxa entre o anti-imperialismo e a utopia. Como um todo, terá tido pouco a ver com a agenda política brasileira e internacional.

Além disso, o essencial é que todos, Oswald de Andrade, “antropófagos” e pares modernistas, terão sido (in)conscientemente alheios e temerosos face a um conhecimento aprofundado da

revolução bolchevique e da ideologia marxista. Se é verdade que eles foram capazes de lidar muito bem com os temas modernistas da megalópole, da máquina, da técnica e da velocidade, com a linguagem quotidiana e com a combinação de práticas simbólicas “baixas” e “altas”, também é verdade que eles não tiveram em consideração a luta de classes, os interesses dos trabalhadores e os resultados radicais de Outubro de 1917.

Mas procedamos a uma leitura atenta da *Revista de Antropofagia*, na sua primeira dentição, que, note-se, nasceu sob o signo do banquete e dos seus desdobramentos simbólicos².

O número inaugural resume, parece-nos, a essência deste período da revista. Comporta o desenho “Abaporu”, de Tarsila do Amaral, poemas de Mário de Andrade e outros, críticas literárias, *sotisséries* da secção Brasileira, um estudo da linguagem tupy por Plínio Salgado, textos antropófagos moderados de Alcantara Machado e Osvaldo Costa, e o famoso “Manifesto Antropófago”, de Oswald de Andrade.

Por um lado, há uma mistura do esteticismo de Mário de Andrade, do diletantismo de Alcantara Machado e do “verde-amarelo” Plínio Salgado com textos radicais escritos por Oswald de Andrade e Osvaldo Costa. Além disso, “Abaporu”, “Abre-Alas” e “Descida Antropófaga” combinam primitivismo, indianismo, antropofagia e brasilidade, mas sem o sistema-mundo e a profundidade ideológica do “Manifesto Antropófago”, de Oswald de Andrade.

Por outro lado, não há uma única palavra sobre a política real, nem mesmo na “Brasileira”, o marxismo está ausente e Mário de Andrade, no poema “Manhã”, deglute Lénine num jardim tranquilo. Mário ficaria encantado por acalmar o flamejante líder bolchevique nomeando peixes brasileiros, descrevendo Ouro Preto e coisas afins:

Tinha um sossego tão antigo no jardim,

2 “The banquet also points to a class and cultural privilege that, in a country where the illiteracy rate exceeded 75% in 1929, inevitably renders the poetic turn to the popular at once exoticizing and parochial.” (MADUREIRA, 2005, p. 98).

Uma fresca tão de mão lavada com limão
Era tão marupiara e descansante
Que desejei... Mulher não desejei não, desejei...
Si eu tivesse a meu lado ali passeando
Suponhamos, Lenine, Carlos Prestes, Gandhi, um desses !...

Na doçura da manhã quasi acabada
Eu lhes falava cordialmente:— Se abanquem um bocadinho
E havia de contar pra eles os nomes dos nossos peixes
Ou descrevia Ouro Preto, a entrada de Vitoria, Marajó,
Coisa assim que puzesse um disfarce de festa
No pensamento dessas tempestades de homens. (MÁRIO DE ANDRADE,
1928, p. 1).

Os restantes nove números (a “primeira dentição” teve dez números de maio de 1928 até fevereiro 1929) não são muito diferentes.

A “literariedade” tem os seus ápices no poema “No Meio do Caminho”, de Carlos Drummond de Andrade, e na “Entrada de Macunaíma”, de Mário de Andrade. Escritores de todas as variantes, desde as dos grupos modernistas de Belo Horizonte e Cataguases às do idiossincrático proto-modernista Manuel Bandeira, desde o cripto-católico Augusto Schmidt ao folclorista Luís da Câmara Cascudo, não chegam a tal requinte estético nas suas colaborações para o revista. No entanto, eles dão uma imagem bastante eclética do que era o modernismo brasileiro ainda alheio à sua cisão interna. Os “Andrades” ainda estão juntos. Plínio Salgado, Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo também colaboram nessa “primeira dentição”, apesar do seu “verde-amarelismo”.

Nas suas críticas literárias reiterativas nas páginas de todos os números da “primeira dentição”, Alcantara Machado acrescenta mais ecletismo. Elogia tanto as inovações sócio-formais da poesia *Essa Negra Fulô*, de Jorge de Lima, quanto a poética “verde-amarela” de *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo, ou o antropofágico *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Até o “fascista” Menotti del Picchia merece algum tipo de consideração.

Este ecletismo também está em ação na generalidade

do nacionalismo e da brasilidade que dominam a “primeira dentição”. Vai desde o estudo da língua tupy por Plínio Salgado ao folclore de figuras mitológicas, como, por exemplo, o Sacy-Pererê ou o “Negrinho do Pastoreio”, dos estudos musicais, etnográficos e poéticos de Mário de Andrade sobre “o Romance de Veludo” ou o “lundu do escravo” aos textos antropofágicos de Oswald de Andrade e Osvaldo Costa. Neste movimento, não há distinção entre o nacionalismo conservador “verde-amarelo”, o nacionalismo liberal de Mário de Andrade e a “Descida antropofágica” de extrema-esquerda.

Talvez se possa argumentar que uma ideologia mais ou menos indefinida entre o anti-imperialismo e a utopia atravessa toda a “primeira dentição”. No poema “Indiferença”, Aquiles Acquaviva come Paris, Londres e Madrid, mudando simbolicamente as relações entre o centro e a periferia, tal como um índio faria de acordo com as recomendações de Oswald de Andrade no “Manifesto Antropófago”. Afinal, o iluminismo europeu, a Revolução Francesa e a “Declaração dos Direitos do Homem” não teriam sido possíveis sem a “nudez” do indígena brasileiro. Pelo menos, de acordo com Oswald de Andrade e os “antropófagos”.

Obviamente, esta ideologia indefinida torna-se, por vezes, mais concreta. Converge até com alguns raros comentários sobre a agenda política brasileira e internacional da década de 1920. Por exemplo, no número cinco, Alcantara Machado denuncia o Pacto Briand-Kellog porque o mesmo recusa a lógica de guerra apenas em palavras e esquece a condenação das guerras europeias reais contra os chineses e os povos africanos, ou os golpes armados pelos EUA na Nicarágua. Em outros números, Alcantara Machado argumenta contra a visita de Hoover ao Brasil ou a intervenção da Sociedade das Nações e da Europa nos assuntos internos dos países sul-americanos.

Escusado será dizer que nenhum destes artigos de Alcantara Machado supera um ponto de vista nacionalista em geral. Não há qualquer foco na luta de classes ou nos interesses dos setores laboriosos.

Na verdade, esta dissolução das classes sociais diferenciadas

e das organizações políticas concretas na nebulosa genérica da brasilidade também ocorre nos dois textos mais progressistas e revolucionários da “primeira dentição”: o famoso “Manifesto Antropófago” e o “Schema ao Tristão de Ataíde”, ambos de Oswald de Andrade.

Com certeza, as características aforísticas e literárias do “Manifesto Antropófago” não suportam um enquadramento ideológico e político coerente. A devoração da cultura europeia e a construção da brasilidade foram um exercício essencialmente estético, no qual a ingestão dos poderosos e ricos nada tinha de realmente assustador para além do que o seu alcance simbólico e eclético significava.

A inversão de centro e periferia e a reivindicação do comunismo antropofágico eram, parece-nos, uma abstração nacionalista e uma analogia vazia.

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. [...] Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro. [...] Tínhamos a relação e a distribuição dos bens físicos, dos bens morais, dos bens dignários. (OSWALD DE ANDRADE, 1928a, p. 3).

Não obstante a sua retórica radical, tal inversão e tal comunismo quase não têm, nas páginas da “primeira dentição” da *Revista de Antropofagia*, referências concretas no Brasil e no sistema-mundo da década de 1920. Embora o fortalecimento e a organização crescentes da classe operária industrial no Brasil, e especialmente em São Paulo, ainda não fossem suficientes para o “assalto aos céus”, deve ser lembrado que o dado básico da situação geo-política mundial era o desafio global ao capitalismo trazido no bojo pela Revolução Bolchevique. Até mesmo o “Manifesto Antropófago” menciona que uma das suas raízes se encontra na Revolução Bolchevique de Outubro, mas esta menção parece mais um dispositivo de retórica associado à subversão estética do surrealismo do que uma compreensão do seu significado histórico.

Provavelmente, “Schema Ao Tristão de Ataíde” é o

texto que mais avança para lá dos espectros marxistas, então consubstanciados na União Soviética e na sua inédita economia nacionalizada e planificada. Não importa se esses espectros ainda estavam ligados com Rousseau ou Proudhon clamando em geral contra a propriedade privada. O que é importante aqui tem a ver com o reconhecimento de atos progressistas historicamente em curso na União Soviética dessa época, como a abolição da herança e a equivalência da família natural à família legal. O importante concerne ao programa político da “antropofagia” desafiando a propriedade privada, reivindicando um tipo diferente de família, sustentando o direito ao divórcio e a uma língua nacional. É duvidoso que Oswald de Andrade tivesse alguma familiaridade mais aprofundada com a *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels, ou mesmo com o *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels, mas estes “fantasmas” estão no artigo contra Tristão de Ataíde. E baseiam-se no processo concreto em curso no “país dos soviets”.

Assim, podemos ler Oswald ironizando que: “A Rússia pôde ter equiparado a família natural á legal e suprimido a herança. Nós já fizemos tudo isso. Filho de padre só tem dado sorte entre nós. E quanto- á herança, os filhos põem mesmo fora!” (OSWALD DE ANDRADE, 1928b, p. 3).

Oswald de Andrade está algures entre Aragon dizendo que abana displicentemente os ombros ante a revolução soviética e Breton, o próprio Aragon e outros surrealistas franceses devindo comunistas alistados no PCF³.

No entanto, a “primeira dentição” está ainda mais recuada do que o seu mentor. Deixemos apenas mais algumas notas: Manuel Bandeira deleita-se com a ingestão de Lenine por Mário de Andrade; a Revolução Bolchevique está quase ausente; Marx e Engels não comparecem; a política e a sociedade contemporâneas do Brasil e do mundo surgem raramente, salvo nalgumas desconstruções paródicas de práticas convencionais e nalgumas observações irônicas contra o Partido Democrático,

3 Para esta questão, cf., p. ex., João Lopes, “André Breton e o movimento comunista internacional”, in *Marxismo Vivo*, 5 (Abril 2002), São Paulo, p. 118-126.

principalmente contra a sua reivindicação central de voto secreto. Em suma, o *statu quo* e o dominante PRP (Partido Republicano Paulista) não têm nada realmente de assustador a temer da revolução antropofágica.

Para sermos coerentes com a nossa *close reading*, talvez possamos afirmar que o texto político mais radical da “primeira denteção” não é nem o “Manifesto Antropófago” nem o “Schema ao Tristão de Ataíde”, de Oswald de Andrade, mas sim “O Nordeste do Sr. Palhano” por Tejo (1928, p. 2).

Este artigo é um dos poucos que lida com problemas sociais da realidade contemporânea no Brasil, pois o autor refuta a opinião de Palhano de Jesus (à época inspetor-geral do Ministério da Agricultura) dizendo que o governo não é competente e não está disposto a lidar com a seca e a fome no Nordeste. Se fosse competente e estivesse disposto a resolver esses problemas históricos, procederia ao desmantelamento do latifúndio, à introdução obrigatória de pequenas explorações agrícolas e à substituição da pecuária pelo algodão.

Por outras palavras, isto significava um sério desafio ao governo, uma declaração de guerra aos grandes proprietários de terras e uma reforma agrária. Brigava com uma das questões mais importantes e perenes do país. Escusado será dizer que um texto tão político, incisivo e concreto como “O Nordeste do Sr. Palhano” ficou esquecido e diluído ante o “Manifesto Antropófago”, que foi o eixo estético da “primeira denteção” e de toda a *Revista de Antropofagia*.

Mas será que a dominante estética e a revolução literária incompleta dos “antropófagos” avançaria para posições mais claramente políticas e históricas? Será que, invalidando a *scholarship* ensimesmada no reino da arte e teoria ou utopia “brasílica”, os “antropófagos” seguiriam o caminho de *La Révolution Surrealiste* transformando-se em *Le Surréalisme au Service de la Révolution*?⁴

4 Para esta questão, cf., p. ex., João Lopes, “André Breton e o movimento comunista internacional”, in *Marxismo Vivo*, 5 (Abril 2002), São Paulo, p. 118-126.

3. A “segunda dentição”

Em diversas ocasiões, Oswald de Andrade explicou que o ecletismo da primeira fase da *Revista de Antropofagia* e da direção de Antonio Alcantara Machado fez com que ele e os antrópofagos mais radicais rompessem com o autor de *Novelas Paulistanas* e transformassem, à revelia dos donos do jornal, um suplemento do conservador *Diário de São Paulo* em órgão oficioso da antropofagia⁵. O primeiro número desta “segunda dentição” apareceu em Março de 1929. O último surgiu em Agosto de 1929. No total, a “segunda dentição” teve dezasseis números.

Na sua dinâmica, os “antrópofagos” compreendiam agora claramente que a revolução literária e estética do modernismo brasileiro tivera algumas limitações. Fôra ainda permeada por influências europeias e até mesmo pelo catolicismo. Comportara tanto a brasilidade de “Macunaíma” quanto um ecletismo ocasionalmente ligado ao catolicismo do próprio Mário de Andrade. Cruzara a religiosidade espiritual de Augusto Frederico Schmidt com o modernismo epigonal dos “meninos de Minas”, e o modernismo bem comportado de Antonio Alcantara Machado com os textos radicais de Oswaldo Costa.

Provavelmente os melhores testemunhos da nova consciência da diferenciação entre modernismo e antropofagia são o texto “Moquém. II- Hors d oeuvre “, de Tamandaré (pseudônimo de Oswaldo Costa) e a chamada “Questão dos Andrades”. Deixando de lado a separação ideológica e literária de Oswald, Mário e Carlos, reparemos em como Tamandaré escreve que:

Mas [o modernismo] não compreendeu o nosso “caso”, não teve coragem de enfrentar os nossos grandes problemas, ficou no acidental, no acessório, limitou-se a uma revolução estética – coisa horrível – quando a sua função era criar no Brasil o pensamento novo brasileiro. Se o índio dos românticos era o índio filho de Maria, o índio dele era o índio major da Guarda Nacional, o índio irmão do Santíssimo. O movimento modernista foi, assim, uma fase de transição, uma simples operação

5 Cf. p. ex., Oswald de Andrade, *Os Dentes do Dragão*: entrevistas. Org. de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Globo/Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 213.

de reconhecimento, e nada mais. Daí a pouca ou nenhuma influência que ele exerceu sobre os espíritos mais fortes da geração. A confusão que trouxe foi tamanha que à sua sombra puderam se acomodar, numa democracia de bonde da Penha, o sr. Sérgio Buarque de Hollanda e o sr. Ronald de Carvalho, o sr. Mário de Andrade e o sr. Graça Aranha, e até o sr. Guilherme de Almeida. (TAMANDARÉ, 1929).

Esta nova delimitação literária estende-se à questão do nacionalismo. Não existe mais o “nacional” abstrato, mas sim invectivas contra as suas versões conservadoras e de direita. Para compovar esta afirmação, talvez seja suficiente ler o texto “Uma adesão que não nos interessa”, no qual Poronimare desconsidera o “verde-amarelismo”, porque os seus adeptos são “defensores de uma ordem social em colapso em todos os sentidos” (PORONIMARE, 1929). Poronimare sugere que os “verde-amarelos” desejam preservar a escravatura moral, a servidão econômica e a igreja.

Assim, na “segunda dentição” não só o ecletismo é bastante menor, mas também a ideologia indefinida entre anti-imperialismo e utopia se transforma em algo político mais concreto. Escusado será dizer que permanece algum ecletismo e idealismo revolucionários. No entanto, como acabamos de ver, o modernismo em geral inaugurado pela “Semana de Arte Moderna” e pela *Klaxon* transforma-se em vanguarda, e o nacionalismo amplo torna-se numa ideologia de esquerda contra o *statu quo*.

Além disso, os *topoi* gerais da antropofagia, dos índios, da emancipação face à Europa, do ou do anti-catolicismo tornam-se quase um programa político concreto na esteira do “Esquema ao Tristão de Athaíde”. Na verdade, o número catorze da “segunda dentição” proclama a família natural, o divórcio, o aborto livre, a opção da eutanásia, a abolição da propriedade privada e a nacionalização da imprensa. Refere inclusive que estas questões devem ser discutidas num congresso a ser realizado pelos “antropófagos” e, em seguida, apresentados ao parlamento

brasileiro⁶.

Por assim dizer, parece que estamos mais lidando com um partido político do que com um agrupamento estético⁷. Mas, passando além do que estas últimas consignas programáticas têm de subversivas e anti-capitalistas, onde está o entendimento consistente do sentido histórico-universal da Revolução Bolchevique? Onde está a compreensão estruturada das ideias marxistas? Por um lado, o esforço para construir uma nova sociedade na União Soviética continua a ser visto à *vol d’oiseau* e a agenda política continua a ser de alguma forma desconsiderada. Por outro lado, a “segunda dentição” presta maior atenção às ideias e obras de Marx e Engels. Estas indefinições indicam que, apesar de haver agora um programa e uma politização à esquerda, a *Revista de Antropofagia* permanece sempre um fenômeno sobretudo artístico.

Os “antropófagos” e até mesmo Oswald de Andrade ainda estão longe de uma abordagem marxista consistente da vida social e da revolução bolchevique.

Os dois primeiro números da “segunda dentição” são particularmente equívocos e ecléticos. Em “De antropofagia”, o editorial do primeiro número, Freuderico (pseudônimo de Oswald de Andrade) afirma-se que os “antropófagos” são contra todos os fascismos e todos os bolchevismos, que Marx está enganado quando sublinha a importância da produção em detrimento de consumo e que a organização corporativa do fascismo é válida. No segundo número, o editorial de Japy-Mirim afirma que as palavras-de-ordem leninistas de “pão, paz e liberdade” são insignificantes para a “antropofagia” num lance que lembra

6 Cf. “Primeiro Congresso de Antropofagia”. In *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2a Dentição, n. 15, 19 jul. 1929, p. 12.

7 Talvez convenha lembrar que Raul Bopp, *Vida e morte da antropofagia*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977, assevera que havia muito de inconsequente e lúdico neste projeto por ele considerado essencialmente estético. Nas suas memórias de participante direto, Raul Bopp recorda que o congresso não se realizou e que as propostas incluíam dislates como um novo sistema de medida através de gritos. A respeito das preparações para o malogrado congresso, nada menciona de concreto sobre aborto, divórcio, família natural, nacionalização da imprensa ou abolição da grande propriedade privada.

Aragon dizendo que ‘abana os ombros’ face à revolução soviética, e mostra, assim, alguma ignorância sobre as demandas reais que levaram à insurreição leninista de Outubro de 1917 (“terra, paz e pão”). Não deixa de ser relevante que Japy-Mirim esqueça a questão da terra num país como o Brasil, onde a mesma tem sido crucial desde há muito⁸.

Além disso, devemos destacar que a agenda política dos “antropófagos” esquece sempre a essência da transformação marxista da sociedade, a saber: o proletariado industrial concentrado *qua* sujeito histórico da revolução socialista e o caráter necessariamente internacionalista da mesma; a nacionalização da banca e das indústrias; o planejamento estatal da economia e o monopólio público do comércio externo. Aliás, é bem significativo que Murillo Mendes (1929, p. 18) ainda degluta Lenine.

Apesar de tais confusões e esquecimentos, Marx e Engels são citados e reivindicados várias vezes. De acordo com o nosso ponto de vista, a citação mais importante aparece no número de 8 de Maio de 1929, porque os “antropófagos” citam o *locus classicus* marxista da prevalência da economia e da vida material sobre a ideologia e a consciência. Além disso, este número também tem uma citação de Marx sobre o efeito destrutivo da grande indústria sobre a família patriarcal.

Deixando de lado outras citações de Marx, Engels ou Plekhanov, bem como a colaboração de Marxillar, refirmamos que Maria Eugenia Boaventura (1985) também constata uma presença mais forte do marxismo na “segunda dentição”, destacando nomeadamente a citação de uma famosa carta de Marx a Arnold Ruge em que se salienta a necessidade de uma crítica materialista do *statu quo*.

Acrescente-se ainda que estas citações revolucionárias encontram alguns exemplos concretos na secção “Revistofagia” e noutras matérias. A “Revistofagia” da edição de 14 de abril de 1929 menciona Lenine, a base social das insurreições religiosas

8 Cf. Freuderico, “De antropofagia”, *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2a Dentição, n. 1, 17 mar. 1929, p. 6., e Japy-Mirim, “De antropofagia”, *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2a Dentição, n. 2, 24 mar. 1929. s. p.

na Índia e o significado econômico da “doutrina Monroe” como patrimônio positivo da nova revista *Folha Acadêmica*. A “Revistofagia” da edição de 1 de maio de 1929 demole a filosofia religiosa de Krisnamurti e da sua revista *Estrela* porque ignora a base econômica da sociedade e adia a resolução de problemas reais para a ilusão da *post-mortem*. “Exigir que se renuncie a ilusões é exigir que se renuncie a uma situação que precisa de ilusões”, diz Odjavu (1929, p. 12) citando Marx. Ocasionalmente, os “antropófagos” avançam mesmo para uma espécie de economia política. Por exemplo, citam dados de estatísticas sobre a distribuição da terra no Brasil, onde 168 987 517 hectares pertencem a grandes fazendeiros e apenas 6 115 158 hectares pertencem a pequenos agricultores.

Escusado será dizer que esta assombração do marxismo e da revolução bolchevique na *Revista de Antropofagia*, com as suas omissões, o seu ecletismo e a sua intensificação gradual da consciência de esquerda progressiva, tem pouco a ver com o valor estético da revista. Na verdade, o *melting-pot* e a indefinição dos “antropófagos” foram, provavelmente, um trunfo para o seu valor artístico. A identidade nacional, o indianismo, a antropofagia e a inversão simbólica das margens e do centro, na sua articulação com exigências radicais, como, por exemplo, a família natural, o divórcio, o aborto, a eutanásia, a abolição da propriedades privada, a nacionalização da imprensa, e com algumas ideias básicas do marxismo, talvez tenham sido um imenso jogo estético.

Talvez, esta seja a razão para algumas isotopias que atravessam ambas as dentições. Tarsila do Amaral e os seus desenhos antropófagos surgem quer no primeiro número da “primeira dentição”, quer no último número da “segunda dentição”. O mesmo se aplica a Lenine sendo deglutido por “antropófagos” como Mário de Andrade e Manuel Bandeira na primeira série da revista, e por Murillo Mendes na segunda série da revista. Ou seja, a prevalência da estética antropofágica, de um lado, e a relativa desconsideração da revolução bolchevique e do marxismo, por outro lado.

Talvez esta seja também a razão pela qual o surrealista, internacionalista e trotskista francês Benjamin Péret, que morava

em São Paulo com a sua esposa brasileira, não se envolveu seriamente no projeto.

Talvez não seja de esquecer que Oswald de Andrade ainda estava afetado pelo “sarampão antropófago” quando a revista depereceu, apesar do radicalismo da sua estética e retórica. Em Agosto de 1929, numa entrevista concedida ao órgão carioca *O Jornal* ainda aponta o que considera como os quatro erros de Marx. Em 1930, num texto inédito, ainda fazia a apologia do PRP e do seu situacionismo. E isto quando já se dera o *crash* bolsista de Wall Street, a crise do café e ele próprio fôra vaiado, expulso e quase sovado ao apresentar uma tímida proposta de reforma agrária a um Congresso da Lavoura, em São Paulo⁹.

Contudo, o tempo não estava para indefinições e confusões. Ao *crash* bolsista e à descida do preço do café juntaram-se, no Brasil, a revolução getulista de Outubro de 1930, e, no mundo, o incremento das lutas entre comunismo, fascismo e democracia burguesa. Desfeita a “segunda dentição” da *Revista de Antropofagia*, os seus membros mais radicais vão seguir Oswald de Andrade na aventura comunista, que bem pode ser lida como a “terceira dentição” ou a *praxis* da sua subversão estética.

Portanto, talvez se possa afirmar a *scholarship* sobre a *Revista de Antropofagia* ou a ela subliminarmente respeitante tende a parar na “segunda dentição”, seja para nela ver um fenómeno estético (p. ex., Boaventura, 1985), uma teoria da brasilidade tensionada entre modernidade e arcaísmo (p. ex., Lima, 2012, ou Oliveira, 1999) ou uma experiência classista algures entre utopia e ufanismo crítico (p. ex., Schwarz, 1987a, 1987b). Porém, não como um estádio prévio e a superar dialeticamente no confronto dos “antrópofagos” com o espectro da Revolução Bolchevique. Essa Revolução Bolchevique que haviam ignorado, desdenhado ou combatido, mas pela qual se sentiam atraídos e estavam em vias de abraçar após o “sarampão antrópofago”¹⁰.

9 Cf., p. ex., Oswald de Andrade, *Os Dentes do Dragão: entrevistas*. Org. de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Globo/Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 52, e *Estética e Política*. Org. de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Globo, 1992, p. 161-163.

10 Refira-se que, embora com outros pressupostos teóricos e um corpus algo diferente, Valdeci da Silva Cunha, *Oswald de Andrade: da “deglutição antropofágica” à “revolução comunista” (1923-1937)*, Dissertação de Mestrado em História, UFMG, Belo Horizonte,

4. Conclusão ou para o início da leitura de *O Homem do Povo*

Quem difundiu a ideia de que a *Revista de Antropofagia* teria tido uma “terceira denteição” ou fase foi o próprio Oswald de Andrade. No seu “Informe sobre o Modernismo”, texto de Outubro de 1945, escreveu:

De fato, data de 28 o movimento que lancei com o nome de Antropofagia e que inicialmente não passava dum aprofundamento do sentimento nacional de “Pau-Brasil”. Tendo dado a direção da *Revista de Antropofagia* a Antônio de Alcântara Machado, eu e o grupo que comigo fazia o movimento com ele nos desavimos. Fundamos então uma segunda *Revista de Antropofagia* que se publicou no suplemento do Diário de São Paulo. Houve ainda uma terceira fase com a participação de Flávio de Carvalho, mas isso depois de 30. (OSWALD DE ANDRADE, 1992, p. 97-98).

Embora o texto não use a expressão “terceira denteição” e não remeta a nova fase da revista ao periódico *O Homem do Povo*, em 1931, ou ao processo de engajamento no PCB, mas, sim, ao trabalho conjunto com Flávio de Carvalho e o seu “Teatro da Experiência” (aliás, identificado com o bolchevismo e encerrado pela polícia por isso mesmo), talvez seja viável sustentar que o projeto coletivo de Oswald, Pagu, Geraldo Ferraz, Oswaldo Costa e outros “antrópofagos” quer em *O Homem do Povo*, quer na militância no PCB, foi efetivamente uma “terceira denteição”.

Marcou a ultrapassagem dialética do espectro (in) consciente da Revolução Bolchevique rumo à sua aquisição teórica e prática. À desatenção e ao desdém dos primeiros anos de uma aventura modernista brasileira comprometida com as importações das vanguardas europeias e com a sua diferenciação nacional, ao temor e atração das várias subdivisões do processo autóctone, ao hibridismo da própria *Revista de Antropofagia* nas suas duas primeiras denteições, que eram todas expressões passíveis de enquadramento no “inconsciente” tematizado por Macherey

2012, desenvolve uma leitura que tem pontos de contato com a nossa.

ou Bourdieu¹¹, a nova atitude dos antrópofagos mais radicais face à Revolução Bolchevique indicou, provavelmente, a “consciência possível”, no sentido goldmanniano¹², de um grupo de intelectuais provindo da burguesia ou estranho ao proletariado.

Uma “consciência possível” que, nas páginas de *O Homem do Povo*, está empenhada na defesa da Revolução Bolchevique e na compreensão do seu sentido histórico-universal. Já não confunde o corporativismo fascista com nenhuma forma estatal progressiva, mas encara-o como uma tentativa totalitária de silenciar a luta de classes em favor do patronato. Acompanha a luta de classes e o sindicalismo na Alemanha, na Inglaterra ou nos EUA. Procede ao estudo económico da sociedade brasileira, da banca e da indústria cafeeira. Elogia a planificação quinquenal da URSS e os seus resultados no pleno emprego, na habitação, na indústria e na agricultura. Destaca a liquidação do analfabetismo. Contrasta estas conquistas com a grande crise em que então vivia o regime capitalista na sequência do *crash* de 1929. Enfim, trata-se, porventura, mais de um empreendimento político que estético. *Eat the rich*¹³.

No seu “Informe sobre o Modernismo”, catorze anos depois de *O Homem do Povo*, Oswald de Andrade como que sintetiza o espírito que o grupo dos antrópofagos mais radicais tinha em 1931:

De 1914 a 1918 o mundo mudara. Desmascarara-se o pacifismo em que se acobertavam os interesses das últimas dinastias e dos primeiros imperialismos. Em 14 abre-se a era das conflagrações mundiais. Em 17 consuma-se o primeiro ato da revolução bolchevista. Com a queda

11 Cf. Pierre Macherey, *Pour une théorie de la production littéraire*, Paris, Maspero, 1966, e Pierre Bourdieu, “Champ intellectuel et projet créateur”. In: *Les Temps Modernes*. Paris, v. 22, n. 246, 1966, p. 904-906.

12 Cf. Lucien Goldmann, *Le dieu caché*, Paris, Gallimard, 1955.

13 Cf. a coleção completa em ANDRADE, Oswald; GALVÃO, Patrícia. *O Homem do Povo*: Março/Abril 1931. Edição Facsimilar. São Paulo: IMESP, 1984, ou em <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/homem-povo/720623>. O jornal teve apenas oito números. Foi publicada entre 27 de março e 13 de abril de 1931.

Deve notar-se que, na introdução à edição fac-similar, Augusto de Campos menciona que a revista foi uma espécie de prolongamento da “segunda denteição” da *Revista de Antropofagia*.

das forças residuais da Santa Aliança – as dinastias do Direito Divino que eram os Romanov, os Hohenzolern e os Habsburgo – triunfa o espírito liberal do ocidente. Consolida-se a revolução burguesa de que são pioneiros os países industrializados: a Inglaterra, a França e a América do Norte. E já um mundo que a Comuna de Paris anunciara planta o seu marco na Rússia de Lênin. [...] No começo de 25, havia penetrado um autêntico clandestino no Modernismo. Era o sr. Plínio Salgado, que exibia o passaporte falso do seu romance *O Estrangeiro*, plagiado das *Memórias Sentimentais de João Miramar*, segundo a opinião de Prudente de Moraes Neto. Ele encabeça a reação e prepara o fascismo nacional. Unidos, os senhores Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia haviam fundado o grupo “Verde-Amarelo”. É o centro. Do lado oposto, forma-se o grupo liberal. Estão à frente Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida, Couto de Barros, Paulo e Fernando Mendes de Almeida. Dirigem-se para a revolução paulista de 32. Na extrema esquerda ficariam os que vão ter pequenos aborrecimentos como cadeia, fome e ilegalidade. São os antropófagos. Chamam-se: Osvaldo da Costa, Pagu, Jaime Adour da Câmara, Clóvis de Gusmão e Geraldo Ferraz. Eu me acho com eles, e segue também conosco para tomar depois o caminho solitário de Rimbaud o poeta Raul Bopp. (OSWALD DE ANDRADE, 1992, p. 97-100).

Pouco importa que o caráter político-partidário e a leitura histórica estejam demasiado acentuados em contravenção às regras do campo literário. Era esta a “consciência possível” em que se transformara o espectro da Revolução Bolchevique no âmbito da dinâmica desencadeada pela *Revista de Antropofagia*?

Referências:

ANDRADE, Mário de. “Manhã”. In *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, n. 1, maio 1928, p. 1.

ANDRADE, Oswald de. *Estética e Política*. Org. de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Globo, 1992.

_____. *Os Dentes do Dragão: entrevistas*. Org. de Maria Eugenia Boaventura. São

Paulo: Globo/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

_____. “Manifesto antropófago”. In *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, n. 1, maio 1928a, p. 3 e 7.

_____. “Shema ao Tristão de Athaíde”. In *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, n. 5, maio 1928b, p. 3.

ANDRADE, Oswald; GALVÃO, Patrícia. *O Homem do Povo: Março/Abril 1931*. Edição Facsimilar. São Paulo: IMESP, 1984.

BARRETO, Lima. “No ajuste de contas”. In *A. B. C.*, Rio de Janeiro, 11 de maio de 1918, p. 11-13.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. *Vanguarda antropofágica*. São Paulo: Ática, 1985.

BOPP, Raul. *Vida e morte da antropofagia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BOURDIEU, Pierre. “Champ intellectuel et projet créateur”. In *Les Temps Modernes*. Paris, v. 22, n. 246, 1966, p. 865-906.

CAMPOS, Augusto de. “Revistas re-vistas: os antropófagos”. In *Revista de Antropofagia*, Edição fac-símile. São Paulo: Abril, Metal Leve S.A., 1975.

_____. “Introdução”. In ANDRADE, Oswald; GALVÃO, Patrícia. *O Homem do Povo: Março/Abril 1931*. Edição Facsimilar. São Paulo: IMESP, 1984

CUNHA, Valdeci da Silva. *Oswald de Andrade: da “deglutição antropofágica” à “revolução comunista” (1923-1937)*. Dissertação de Mestrado em História. UFMG: Belo Horizonte, 2012.

FREUDERICO. “De antropofagia”. In *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2a Dentição, n. 1, 17 mar. 1929, p. 6.

GOLDMANN, Lucien. *Le dieu caché*. Paris: Gallimard, 1955.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos : o breve século XX : 1914-1991*; trad. de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JACKSON, Kenneth David. ‘A View on Brazilian Literature: Eating the *Revista de Antropofagia*’. In *Latin American Literary Review*, Vol. 7, No. 13 (Fall - Winter, 1978), p. 1-9.

JAPY-MIRIM. “De antropofagia”. In *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2a Dentição, n. 2, 24 mar. 1929, s. p.

LIMA, Bruna Della Torre de Carvalho. *Vanguarda do Atraso ou Atraso da Vanguarda? Oswald de Andrade e os teimosos destinos do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. USP: São Paulo, 2012.

LOPES, João. “André Breton e o movimento comunista internacional”, in *Marxismo Vivo*, 5 (Abril 2002), São Paulo, p. 118-126.

OLIVEIRA, Mara Jacqueline de. *Entre bondes e carroças : tradição, modernidade e utopia em Oswald de Andrade*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Unicamp: Campinas, 1999.

MACHEREY, Pierre. *Pour une théorie de la production littéraire*. Paris: Maspero, 1966

MADUREIRA, Luís. “A Cannibal Recipe to Turn a Dessert Country into the Main Course: Brazilian *Antropofagia* and the Dilemma of Development”. In *Luso-Brazilian Review*, Vol. 41, No. 2 (2005), p. 96-125.

MENDES, Murillo. “Cartão Postal”. In *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2a Dentição, n. 14, 11 jul. 1929, p. 18.

ODJAVU. “Revistofagia”. In *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2a Dentição, n. 7, 1 de maio de 1929, p. 12.

PEREIRA, Astrojildo. *Ensaio históricos e políticos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

_____. “A Revolução Russa”. In *O Debate*, Rio de Janeiro, ano I, nº1, 12 de julho de 1917, s. p. [acessível em: http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/critica5parte5.pdf]

“PRIMEIRO Congresso de Antropofagia”. In *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2a Dentição, n. 15, 19 jul. 1929, p. 12.

PORONIMARE. “Uma adesão que não nos interessa”. In *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2a Dentição, n. 10, 12 jun. 1929, p. 10.

QUEIROZ, Helaine Nolasco. “*Verdeamarelo/Anta e Antropofagia*”: narrativas da identidade nacional brasileira. Dissertação de Mestrado em História. UFMG: Belo Horizonte, 2010.

REVISTA DE ANTROPOFAGIA. Edição fac-símile. São Paulo: Abril, Metal Leve S.A., 1975.

“REVISTOFAGIA”. In *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2a Dentição, n. 5, 14 abr. 1929, p. 6.

SCHWARZ, Roberto. “A carroça, o bonde e o poeta modernista”. In *Que horas são?*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987a.

_____. “Nacional por subtração”, In *Que horas são?*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987b.

TAMANDARÉ. “Moquém II – Hours d’œuvre”. In *Revista de Antropofagia, Diário de São Paulo*, São Paulo, 2^a Dentição, n. 5, 14 abr. 1929, p. 6.

TEJO, Limeyra. “O Nordeste do Sr. Palhano”. In *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, n. 7, nov. de 1928, p. 2.

VIVACQUA, Aquiles. “Indiferença”. In *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, n. 3, jul. 1928, p. 2.